

René Major*

Um homem de princípios

Uma página importante da história da psicanálise foi escrita durante a presidência de Horacio Etchegoyen na *International Psychoanalytical Association*. Sua importância diz respeito ao reconhecimento de graves falhas na ética constitutiva da prática analítica e da sua transmissão, no período que vai da segunda guerra mundial até 1966.

Horacio Etchegoyen foi o primeiro presidente latino-americano da IPA. Antes, os presidentes foram alternadamente europeus ou americanos. A ironia fez com que o único latino-americano indicado para a presidência da IPA, fosse justamente aquele citado na triste história da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

O presidente desta Associação em 1973, Leão Cabernite, era analista de Amílcar Lobo que fazia parte, como médico, de um grupo de tortura durante a ditadura militar. O caso foi denunciado pelo jornal clandestino da Resistência, *Voz operária*, e divulgado pela revista argentina *Cuestionamos*, cuja diretora foi a corajosa psicanalista Maria Langer que deixou a Alemanha nazista para se refugiar em Buenos Aires. Graças a esta revista, a informação circulou entre os responsáveis das diferentes sociedades de psicanálise filiadas à IPA e foi comunicada ao presidente da Confederação Psicanalítica da América Latina (COPAL).

Naquela época, o presidente da IPA, um francês, Serge Lebovici, também foi informado, mas todos concordaram tratar-se de um rumor sem fundamento, considerando a pessoa responsável, Helena Besserman Viana, membro da Socieda-

de Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, uma caluniadora. Ela viria assim a enfrentar as piores humilhações diante dos conselhos das duas sociedades sendo exposta à vingança dos militares.

Essa história é hoje conhecida por todos que leram o livro de Helena Besserman, “Não conte a ninguém” (Ed. Imago, RJ, 1994). O livro, no início, lembra uma noite do outono de 1993 quando Helena é convidada por André Green em Paris na presença de personalidades da IPA. Embora André Green tenha desaprovado o livro de Helena, pedem-lhe que comente uma carta do presidente da IPA, Joseph Sandler, dirigida ao presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio, Claudio Campos, e informe o futuro presidente Horácio Etchegoyen. Esta carta, resultado de uma reunião do Conselho executivo da IPA, exige sem nenhuma explicação a expulsão de Cabernite da SPRJ e, conseqüentemente, da IPA. No dia seguinte, Helena recebe um telefonema urgente de uma colega sul-americana, Haydée Faimberg, exilada na França, membro do conselho executivo da IPA, presente na casa de Green, pedindo-lhe para não contar a ninguém.

Não era a primeira vez que os responsáveis da IPA, em sua maioria, desejavam evitar a questão da tortura. No ano de 1981 organizamos em Paris um Encontro franco latino-americano quando a Argentina vivia sob a ditadura militar. Estavam lá, membros do grupo Plataforma (responsável pela revista *Cuestionamos*), alguns exilados e outros ditos desaparecidos. Alguns, dissidentes, vindos da Sociedade do Rio de Janeiro, encontraram-se no grupo *Pro Ética*, ao qual Claudio Campos se juntou quando a comissão de ética se recusou a nomear os responsáveis pelo caso. Neste encontro em Paris, debateu-se a questão do pedido da Sociedade austríaca durante o congresso da IPA em Nova York em 1979, presidido por Edward Joseph, desejando que a IPA tomasse partido com respeito à violação dos direitos humanos na Argentina. Desse pedido resultou a declaração seguinte: “Assim como outras organizações internacionais, a IPA foi informada sobre a violação dos direitos humanos que ocorre em certos lugares geográficos. A IPA condena do mesmo modo a violação dos direitos humanos, dos cidadãos em geral, dos cientistas e de nossos colegas em particular” (referido em Derrida, 1981, p. p. 16-20). Nota-se que essa declaração, pela sua abstração formal perde o alcance que poderia ter. Vinda de uma organização internacional, legitimada pelo pensamento de Freud, deveria sustentar uma reflexão sobre o gozo provocado pelo sofrimento infligido a outrem. Ainda mais, anula o ato de nomeação, ao não citar a Argentina, como será inclinada a fazer quanto aos responsáveis no Rio.

Por essas considerações, gostaria de prestar homenagem a Horacio Etchegoyen reiterando o que escrevi na versão francesa do livro de Helena. Essa versão contém um adendo de 80 páginas que conta os acontecimentos dos anos seguintes à publicação em português. Serge Lebovici, considerando que sua probidade pessoal e profissional fora atingida, pensou em pedir junto à justiça o direito de resposta em pelo menos três dos jornais em que Elio Gaspari tinha publicado uma resenha do livro de Helena. Lebovici queria a retirada de circulação do livro caso não obtivesse decisão favorável. Pensava também em proibir qualquer tradução do livro que não tivesse seu memorando (que mandou ao Presidente Horacio Etchegoyen) e desejava que a IPA assumisse financeiramente o caso. Apesar dos seus pedidos dirigidos a Horacio Etchegoyen que sentia por ela grande simpatia e forte admiração, Helena Besserman não pode obter o memorando de Lebovici. Este se recusava a mandá-lo.

Há muitos anos correspondia-me regularmente com Helena – houve entre nós e com seu marido e minha esposa uma longa e excepcional amizade – e ela concordou em que eu pedisse a Lebovici o memorando (uma segunda versão) para

* Instituto de Psicanálise de Paris.

incluí-lo na versão francesa em preparo. Ele aceitou logo e mandou-me dez páginas com o título “Memorando a respeito do livro de Elena Bessermann” (Note-se dois erros no nome: Helena sem “H” e Bessermann com dois “n”) O memorando continuava negando a existência das cartas que escrevera, não encontradas nem nos arquivos da IPA, nem nos seus arquivos. Pude, entretanto, publicá-las, pois Helena tinha cópias. Acusava também Helena de injúrias que citava, mas que não se encontram na versão portuguesa, nem na versão francesa.

Vale lembrar que uma comissão de ética foi criada na SPRJ. Depois de dois anos de inquérito, produziu um documento de 1500 páginas estabelecendo as diferentes responsabilidades. Mas, na assembleia de 13 de dezembro de 1995, esse relatório foi rejeitado por 57 votos contra, 37 a favor e nove abstenções. Em seguida, 42 membros pediram demissão para criar o Grupo Pro Ética e a revista *Destacamento*. Em 3 de julho de 1996, Horacio Etchegoyen dirigiu aos membros da comissão Latino Americana um longo documento no qual retraça todos os elos de uma longa história. Desde a recomendação por Ernest Jones de Mark Burke e de Werner Kemper — antigo membro do Instituto Göring na Alemanha sob o regime nazista, e analista de Cabernite (por sua vez analista de Lobo) — para que constituíssem as duas sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro, até os acontecimentos ocorridos durante a ditadura militar no Brasil, implicando diversos membros da IPA, que ele nomeia estabelecendo a responsabilidade de cada um. Horacio Etchegoyen esperava que o conselho executivo da IPA, que iria se reunir em Londres do dia 8 ao 11 de agosto de 1996, assumisse as responsabilidades de que está incumbida essa instituição guia da psicanálise. Não foi o que aconteceu. Em 11 de agosto de 1996, esse conselho executivo produziu um documento no qual ninguém foi designado e concluía declarando:

1. Que o procedimento adotado pela SPRJ [quer dizer, o voto em assembleia geral que rejeitou as conclusões da comissão de ética] revela-se legalmente correto.
2. Que a SPRJ deve continuar melhorando seu nível científico observando sempre os princípios de ética que devem ser respeitados. Assim procedendo, a SPRJ poderá contar com o apoio sem reserva da IPA.
3. O conselho executivo assegura ao grupo Pro Ética que, caso decidisse fundar uma nova sociedade para formalizar os seus princípios psicanalíticos, teria a assistência e o apoio da IPA.

Que o conselho executivo da IPA (podemos encontrar sua composição na edição francesa, página 247) pudesse dar seu apoio, tanto para o grupo oficial que aprovara pelo voto os delitos de “não assistência e cumplicidade na prática da tortura” (citado em Besserman Vianna, 1997, p. 260), quanto ao grupo Pro Ética que condenou essa decisão que era totalmente inaceitável para Helena Besserman e para mim. No dia 6 de dezembro enviei a Horacio Etchegoyen uma carta de demissão que foi publicada como carta aberta na edição francesa. Fiz questão de sublinhar nessa carta que a decisão do conselho estava em total contradição com as convicções pessoais do destinatário. Horacio Etchegoyen sempre apoiou Helena e sempre quis que os vários responsáveis assumissem seus erros. Helena Besserman apresentou sua demissão diante da Assembleia dos Estados Gerais da Psicanálise em Paris em julho 2000.

Faço questão de acrescentar nessa homenagem a Horacio Etchegoyen que, embora não fazendo mais parte da IPA, fui convidado por ele a pronunciar uma conferência na sua Sociedade em 1999 quando preparava os Estados Gerais que, ao contrário de seu sucessor, Otto Kernberg, ele aprovava. Fomos recebidos na sua casa, minha esposa e eu e jantamos juntos várias vezes. Quando o livro de Helena foi publicado na

França, e deu lugar a um encontro importante, Horacio Etchegoyen enviou seus votos de sucesso. Não se pode dizer o mesmo de Lebovici, Widlocher, Green, que embora convidados não enfrentaram Helena. A presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris, Marília Eisenstein queria receber Helena, mas sob condição de que ela não falasse de Lebovici e que eu não a assistisse como ela queria. Helena declinou desse convite. Passamos do “Não fale disso a ninguém” a “não fale de ninguém”. Horacio Etchegoyen sempre recusou essa dupla injunção não analítica. Foi o único membro do conselho executivo a recusá-la; é a essa honra da psicanálise que ele representou, ao homem de princípios, que vocês me permitem homenagear.

Referências

Besserman Vianna, H. (1997) *Politique de la psychanalyse face à la dictature et à la torture. N'en parlez à personne*. Paris: L'Harmattan.

Derrida, J. (1981). Géopsychanalyse « and the rest of the world » In *Géopsychanalyse, les souterrains de l'institution, rencontre franco-latino-américaine*, Paris: Ed. Confrontation.